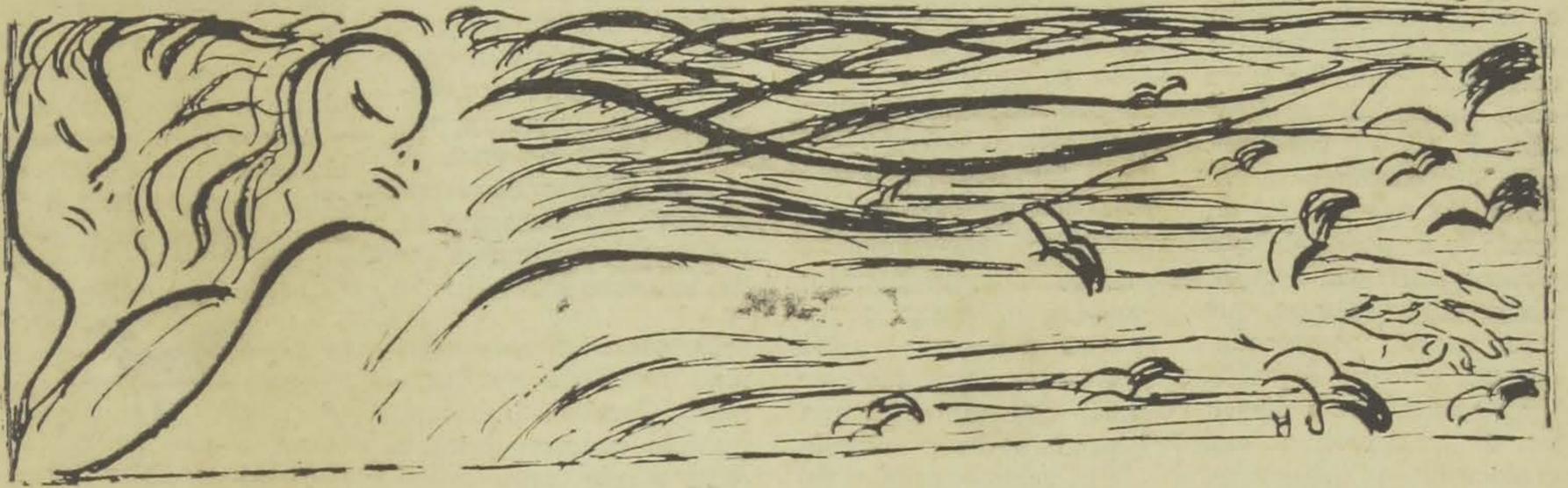


Bêta e cerfano

Correio das Artes

Ano I Número 24 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 4-9-1949.



Tentativa de Esclarecimento

ADALMIR DA CUNHA MIRANDA

MUITAS opiniões têm sido exteriorizadas a respeito do conteúdo estético do que tem produzido a nova geração e da orientação política desses jovens. São pontos de vista geralmente emitidos em moldes que tendem à especificação literária de setores isolados ou da totalidade do movimento. Já tive oportunidade de fazer um estudo breve sobre algumas constantes da agitação literária dos jovens escritores, todavia, parece-me que há generalizada, uma lamentável incompreensão da verdadeira essência, ou melhor do espírito que anima o movimento em questão em várias cidades brasileiras. Por isso, em vez de alongar-me em considerações de ordem rigorosamente literária, prefiro fazer um depoimento esclarecedor de determinados pontos que mal interpretados ou mesmo não compreendidos, provocam essa atitude de cautela com relação ao escritor novo, nos meios extra-intelectuais e também nos me-

ios intelectuais extra-literários.

A geração presente é olhada com má vontade e, não raro, considerada uma plêiade de francos destruidores de tudo que bom ou mau a experiência dos mais velhos e dos antigos nos legou. Uma geração de meninos prontos que, no parecer veloz de pseudo-intelectuais, cuja mediocridade lhes dá a certeza de estar alcançado a máxima experiência, são uns tirânicos inversores dos va-

lores estéticos tradicionais imutáveis e imperfeíveis. Não se justifica essa conceituação, medocemente piedosa e professoral, incapaz de vir à liza despida de complexos de suficiência. Em realidade, queremos e devemos prezar a experiência cultural acumulada pelo homem e condensada nos grandes e bons produtos da sua inteligência em todos os tempos. A tradição deve merecer mesmo o nosso cuidado, no sentido em

que a definiu o sr. Murilo Mendes, com precisão, em conferência pronunciada em Salvador, tradição significando entrega da experiência de uma geração à outra e, acrescentamos, entrega que se faz um ponto de partida e um alicerce necessário a novas conquistas estéticas e mais amplos recursos para a inteligência. E não compreendo que pudesse ser de outro modo. Sobre esse ponto, seria interessante ouvissem os inimigos dos novos a um jovem poeta nosso, a afirmativa de que, para se fazer e compreender poesia, é aconselhável a leitura dos clássicos da poesia universal. Ora, isso me parece um índice da mais evidente honestidade intelectual e de um afã objetivo de aperfeiçoamento.

Por outro lado, já nos têm acusado de assumirmos atitudes demasiadamente sérias. É claro que só se realiza alguma coisa de útil com seriedade, e não é lícito, considerada a gravidade do momento histórico que

Encruzamento de Linhas

FELIPE D'OLIVEIRA

NÚCLEO DE CONVERGÊNCIA NO BÓJO DA NOITE OVAL.

LANTERNA VERDE
(AMÊNDOA FOSFORESCENTE
DENTRO DA CASCA CARBONISADA).

LONGITUDINAL CENTRIFUGO.
O TREM RACHA EM DUAS METADES
A ESPESSURA DO ESCURO
E, CUSPINDO PELA BÓCA DA CHAMINÉ
AS ESTRELAS INÚTEIS À PROPULSÃO.
ATIRA-SE DESENFREADO
NOS TRILHOS LIVRES.

MAS SE O MAQUINISTA FOSSE DALTONICO
A LOCOMOTIVA TERIA PARADO.

atravessamos, adotar posição de palhaços irresponsáveis, como se não estivessemos cientes do dever específico que nos cabe. Já se repetiu muito que o objetivo visado não é a destruição sistemática de tudo a trancos e barrancos. Desejamos construir e um ambiente de demolição arbitrária seria um impedimento para esse anseio de realização. E, para construir, não dispensamos a experiência que nos foi legada. É possível que pouco venhamos a realizar de útil. O tempo, que não reserva complacência para o que é inútil, fará o julgamento decisivo. É inviolável, porém, a sinceridade de propósitos e o equilíbrio dos rapazes de "Joaquim", "Clã", "Caderno da Bahia", "Região", "Epoca", "Sul", "ORFEU" e outras revistas que se afirmam como tribunas independentes do Brasil.

O que não admitimos é o reacionarismo em matéria de arte e ideias, o conformismo acadêmico.

A cultura está sujeita a um processo de transformação e aperfeiçoamento constantes e, os que pretendem considerá-la consumada nas suas armas amais, são portadores desse lastimoso complexo de suficiência que pode condenar a cultura, tanto a soma de experiência à grana, ao procedimento. Esses detentores do progresso no plano da arte e da literatura cumprem missão paralela e inspirada nos mesmos motivos, no mesmo filiofilo. São os mesmos subordinados aos dogmas revelados invioláveis, imperfeitos e melancólicos. São os apóstolos dos preconceitos e privilégios, os pregadores de uma moral rígida e que em pouco tempo se torna também hipócrita, porque é indiferente à realidade circundante, às novas injunções históricas e sociais, oriundas de um con-

tinuo processo evolutivo da humanidade. Essas atitudes de concepção, esses julgamentos de valor, que se refletem na atuação social de quem os defende, influem também, é notório, nas suas opiniões sobre arte e literatura, produtos culturais condicionados pelos costumes, pelo meio pela psicologia coletiva da sociedade cujas relações eles pretendem esconder com dogmas, o que lhes dá um aspecto supinamente professoral.

Devem, esses detratores dos movimentos artísticos e literários das novas gerações, compreender que nenhuma arte é produto da casualidade. É sempre reflexo do meio social em que se manifesta, e ao qual está condicionada. Desde as sociedades primitivas, quando a arte era função coletiva e utilitária, pode-se observar a relativa influência social, impondo a necessidade do adorno e da decoração. A arte, ensina-o Guyau, é um fenómeno condicionado pela sociedade de cada tempo e lugar. Não pode transformar-se em serva de preconceitos de ordem política, moral ou religiosa. Parece-me muito mais humano, evidente e liberal esse critério sociológico de interpretação dos fenómenos estéticos e ideológicos. É muito mais útil também na apreciação do problema moral, quando este pretende sacrificar as manifestações estéticas que trazem consigo um germe sincero de perfectibilidade, ou quando desejam evitar a revisão de conceitos e a lealdade de ideias. Faço esse paralelo entre os pontos de vista éticos de determinados deturpadores da nova geração e a sua opinião sobre esta, porque acredito que, quase certamente, as invectivas lançadas contra os jovens intelectuais brasileiros são produtos de preconceitos éticos que

téticos e ideológicos e que disfarçam, simplesmente, caracteres obsequiosos a dogmas e incapazes de pensar livremente.

Há ainda outro ponto sobre o qual devo dizer alguma coisa. Trata-se da atitude política do escritor. É um tema vastamente discutido e as opiniões divergem notoriamente. Exteriorizo apenas o meu ponto de vista. A atitude política do escritor deve ser a mesma de um operário: honestidade interessada.

O escritor preenche uma função social, afirma-o Georges Duhamel, quando concorre para o mais amplo conhecimento do homem e do mundo dos seres e dos acontecimentos, das ideias e das realizações de uma família, de um povo, de uma civilização. É uma função normal, penso. Mas, em todas as ocasiões em que possam ser feitas restrições às liberdades e direitos essenciais do cidadão, numa época de transição como a que atravessamos, o escritor deve ir além a participar política e socialmente, quaisquer, que sejam as suas convicções políticas quando as circunstâncias o exigirem, de acordo com os princípios aprovados pelo II Congresso Brasileiro de Escritores. O conceito de participação não implica em filiação, obrigatória a qualquer partido político. Todavia, o escritor tem ampla liberdade de participar filiado-se ao partido que represente melhor um firme propósito de manutenção da paz,

inviolabilidade da Constituição, progresso econômico e bem estar do povo.

O que não é permitido ao intelectual, sob pena de não merecer a confiança de seus irmãos homens, é assumir uma atitude isolada, alheia aos mais urgentes problemas coletivos, cujo agravamento poderá significar, como já se, tem verificado, o sacrifício da própria liberdade de criação do escritor e da sua personalidade intelectual.



DANIEL HALEVY NO INSTITUTO

DANIEL HALEVY foi eleito membro da Academia de Ciências Morais e Políticas, na Secção de História, por 25 votos em 32 votantes. É o 3.º Acadêmico da sua família; seu pai, Ludovic Halevy pertenceu a Academia Francêsa, e seu tio avô, o compositor Fromental Halevy, morreu Secretário Perpetuo da Academia das Belas Artes. Nasceu em Paris a 12 de dezembro de 1872, mal tinha 20 anos ao publicar as primeiras obras, sobre o qual viria a dar um volume que se tornou clássico. Amigo de Péguy, desde 1898 colaborou nos "Cahiers de la Quinzaine". Citam-se entre suas obras "Essai sur le mouvement ouvrier" "Visite aux paysans du Centre" uma monumental biografia de Proudhon, "La fin des notables" (1872-1873) — "La Défense de la Liberté" — "La République des Duces", etc...

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

FLASH

TOMÁS SANTA ROSA.
 NASCEU EM 1909 EM JOÃO PESSÓA — PARAÍBA.
 CASADO.
 ALTURA 1.65.
 PESA 78 QUILOS.
 SAPATO N.º 41 E COLARINHO IDEM
 CARECA DESDE OS 20 ANOS.
 USA ÓCULOS.
 POUCOS DENTES.
 NÃO TEM RELIGIÃO.
 TEM HORROR A VIZINHOS OS QUAIS NUNCA CO-
 NHECE.
 PARA O QUE DESEJAVA PASSOU FOME. (1932)
 SEU PRATO PREDILETO: CAMARÃO.
 E' PERDULÁRIO.
 FUMA CIGARROS FRACOS: CONFORME O CÂMBIO
 "PHILIP MORRIS" OU "CONTINENTAL".
 FRUTA PREDILETA: MANGA.
 GOSTA DE BEBER E CONVERSAR.
 ACORDA CEDO E DORME MUITO TARDE. (ACHA
 QUE PERDE TEMPO DORMINDO).
 DETESTA E NUNCA FOI A UM JOGO DE FUTEBOL.
 SEUS MAIORES AMIGOS: PORTINARI, ROBERTO AS-
 SUNÇÃO, SIMEÃO LEAL.
 GOSTA E SABE MÚSICA.
 COMPOSITORES PREDILETOS: BEETHOVEN, BACH,
 DEBUSSY E PROKOFIEFF.
 JÁ TOCOU PIANO.
 GOSTA MUITO DE SAMBA. ACHANDO NOEL ROSA,
 HEITOR DOS PRAZERES E HERIVELTO MAR-
 TINS OS MAIORES SAMBISTAS.
 APRECIA A MÚSICA NEGRA-AMERICANA.
 GOSTA DE TRABALHAR OUVINDO MÚSICA.
 SUA LEITURA PREDILETA: POESIA, FILOSOFIA E
 ESTUDO DE ARTE.
 GOSTA DE RÁDIO; JÁ CANTOU NUMA EMISSORA DO
 RECIFE.
 COMEÇOU A PINTAR DESDE OS 7 ANOS DE IDADE.
 RECEBEU 100.000,00 PELO MURAL DA PISCINA DE
 QUITANDINHA.

PINTORES BRASILEIROS DE SUA PREFERÊNCIA:
 PORTINARI E ALMEIDA JÚNIOR.
 ATUALMENTE NÃO PINTA, TENDO-SE DEDICADO À
 CRÍTICA DE ARTE.
 COSTUMA ESCREVER DEPOIS DA MEIA-NOITE.
 SEU FRACO: MORENAS DE TODAS AS ESPECIES.
 EM QUALQUER SITUAÇÃO ESTÁ SEMPRE DE BOM
 HUMOR.
 TEM MÊDO E NUNCA VIAJOU DE AVIÃO.
 FRANCO DE OPINIÃO.
 ESTÁ SATISFEITO COM QUE É, MESMO NAS DIFI-
 CULDADES.
 PARA AJUDAR A UM AMIGO É CAPAZ DE SACRIFI-
 CIOS.
 ROMANCISTAS BRASILEIROS DE SUA PREDILEÇÃO:
 GRACILIANO RAMOS, JOSÉ LINS DO REGO E
 JOSÉ AMÉRICO.
 POETAS DE SUA PREFERÊNCIA: CARLOS DRUM-
 MOND DE ANDRADE, MANUEL BANDEIRA E
 VINICIUS DE MORAES.
 SO SE LOCOMOVE DE TAXIS.
 CONSIDERA OS NOVOS BASTANTES AUDACIOSOS
 TODO DINHEIRO QUE GANHA EMPREGA NA COM-
 PRA DE LIVROS.
 GOSTA DE ENSINAR E NÃO TEM CHANCE.
 SEUS MAIORES INIMIGOS: OS PINTORES VAIDOSOS
 E NULOS
 É O ARTISTA QUE MAIS ILUSTROU OS MODERNOS
 ESCRITORES BRASILEIROS.
 SANTO DE SUA SIMPATIA: SÃO FRANCISCO DE AS-
 SIS
 TEM ESPECIAL PREDILEÇÃO PELO TEATRO.
 É CENÓGRAFO.
 TEM MUITO MÊDO DE MORRER.
 DETESTA JOGO.
 ABANDONOU O BANCO DO BRASIL ONDE ERA FUN-
 CIONÁRIO PARA DEDICAR-SE ÀS ARTES.
 GOSTA E VAI MUITO AO CINEMA
 JÁ AJUDOU MISSA.
 CONSIDERA-SE EXÍMIO DANSARINO.
 APESAR DE TÍMIDO É GALANTEADOR DE SORTE
 ESPERA MORRER A QUALQUER MOMENTO.

(Reproduzido de OS ARQUIVOS IMPLACAVEIS, de João Condé)



REVISTA EM 2 COLUNAS

ESTAMOS recebendo as primeiras colaborações para esta secção. E pelo seu volume, já podemos afirmar que está vitoriosa a bem pensada sugestão que nos deu um leitor deste suplemento.

Há, entretanto, uma particularidade: nenhuma colaboração em prosa. O que nos aparece, até este momento, pelo menos, são versos, simples e puramente versos, alguns de certa beleza, outros fracamente publicáveis e outros ainda muito ruins.

Convenhamos, entanto, que os poetas e os que apenas pretendem sê-lo, antecipam-se corajosamente aos articulistas novíssimos. Admitamos que seja poético êsse próprio atrevimento. E no caso, não iremos discutir o mérito de suas produções. Apenas nos reservaremos ao direito de tecer um ligeiro comentário à margem de cada um, no sentido de estimular os melhores, reconhecendo-lhes as qualidades e orientar, possivelmente, os que pretendam aperfeiçoar-se.

Vamos inaugurar, portanto, esta secção, com o soneto SAUDADE, de Elmano Cavalcanti Albuquerque, que nos pareceu o melhor da primeira remessa:

Saudade... ao ver a primitiva estância
e lembrar tristonho os personagens
rememorando ao coração paragens
qu'ele sentiu no alvorecer da infância...

Saudade punge ao lembrar imagens
dos tempos idos; risos, beijos, ânceia...
Ter mergulhado às trevas da distância
de sua vida as ótimas passagens!

O amor perfeito o coração escolhe
mas, êsse quando ao dissabor da vida
se esvae, a garra da saudade colhe

do nosso peito o coração, na ida;
e para sempre em seus cabelos brancos
— o calendário atroz de nossa vida...

Não vamos dizer que isto que vai aí acima é um mimo de poema. Vislumbremos, entretanto nêlo, alguma coisa de essencial a uma composição poética. Promete. Há melinação.

x x x

Cecílio Vieira trouxe-nos, também, o que pretende seja uma "Homenagem póstuma a quem, em vida, se chamou Odon Bezerra Cavalcanti".

MOTE:

SANGRANDO ETERNA FERIDA
NO CORAÇÃO DA SAUDADE

GLOSA:

Há episódios, na vida,
Com aparências de gloria,
Que nos deixam, na memória,
SANGRANDO ETERNA FERIDA
E uma dor indefinida,
Que nos verga a majestadel...
Mas, a dor que o peito invade,
A dor de que falo agora,
E' a grande dor que mora
NO CORAÇÃO DA SAUDADE!

x x x

Serão publicadas no próximo número de Correio das Artes as colaborações de Paulo Vidal, de João Pessoa e de Manuel Batista de Lucena, de Patos.

POLICARPO

A M B I Ç Ã O ! ..

DE CASTRO E SILVA

EU SOU INSACIAVEL NAS CONJECTURAS,
TENHO O DESTINO CRUEL DAS CRIATURAS
QUE AMBICIONAM A VIDA ALEM DA VIDA...

TRAGO O DESTINO MISERAVEL DOS POETAS,
(LEVAR PELA VIDA AS ASAS SEMPRE ABERTAS,
PROCURANDO VIVER DE SONHOS IRREAIS,
— E E' UMA IRREALIDADE TODO SONHO,
MAS SEMPRE NÓS QUEREMOS SONHAR MAIS...)

E EU QUE VIVÓ COM SEDE DIANTE
DE MEUS OLHOS, E OS LABIOS RESSEQUIDOS,
NÃO ME DEIXO FICAR COMO OS CORDEIROS PACATOS,
QUE BEBEM NA CORRENTEZA DOS REGATOS,
ILUDINDO OS SENTIDOS...

EU, NÃO, QUANDO A SEDE ME INVADE,
NÃO ME SACIO COM A AGUA DOS REGATOS,
E PROCURO SUBI PELO MAIS ALTO MONTE,
COMO A HERVA AMBICIOSA PELOS ALTOS,
BUSCANDO A AGUA, A JORRAR, NA PROPRIA FONTE!...

(Do "POEMAS DA TERRA E DO HOMEM" no prélo).

Quando o Silencio Pairar!

CLÉLIA LOPES DE MENDONÇA

QUANDO O SILENCIO PAIRAR SOBRE TODAS AS
[COUSAS
E O GORGEIO DOS PÁSSAROS ENCONTRAR OUTROS
[ARES,

EU FECHAREI OS OLHOS PARA SEMPRE,
PARA A ETERNIDADE DO INSENSIVEL!

QUANDO O SILENCIO PAIRAR ABRAÇANDO O MUNDO
[DO INTEIRO
E O SOL DEIXAR DE BRILHAR NA TARDE DE VERÃO,
MINHA ALMA SEGUIRÁ PARA REGIÕES ETÉREAS
[ONDE TUDO É PAZ E SOLIDÃO!

QUANDO O SILENCIO PAIRAR ANUVIANDO O HORIZONTE
[RIZONTE
E DESCOLORINDO A TELA SUTIL DA NATUREZA,
NÃO ESCUTAREI MAIS NADA

— POIS ESTAREI DORMINDO O SONO DERRADEIRO.
QUANDO O SILENCIO PAIRAR SOBRE O MUNDO
[INTEIRO
A BRISA NÃO SEGREDARÁ AS FOLHAS DOS ARVORES
[RÊDOS!

ENTÃO... NÃO VEREI MAIS NADA
PORQUE ESTAREI DORMINDO O SONO DERRADEIRO...

QUANDO O SILENCIO PAIRAR SOBRE TODAS AS
[COUSAS
E A CANÇÃO DO UNIVERSO NÃO FOR MAIS DISTINGUIDA

MEU CORAÇÃO NÃO PULSARÁ...
NÃO SENTIREI MAIS NENHUMA EMOÇÃO DA VIDA!

ESTAREI DORMINDO O SONO DERRADEIRO
NO LEITO ALCATIFADO DA SAUDADE...

ESTAREI SILENCIOSA
SEM NADA ESCUTAR,
ESTAREI NO INFINITO
ONDE NÃO HÁ PÁTRIA,
ONDE TODOS SÃO IRMÃOS
E ONDE A GLORIA DA VIDA NÃO É SACRIFICADA!

No Bi-Centenário de Goethe

DILERMANDO LUNA

São decorridos dois séculos do nascimento de Goethe. Não seria este, o momento exato da nossa identificação com o criador do WERTHER, porque a experiência demonstra que nem sempre os nossos sentimentos estão em concordância com as datas oficiais do nosso calendário afetivo. Quer nos pareça entretanto que nenhum outro dia se torna mais oportuno para uma verificação do que Goethe representa para o nosso tempo do que, este domingo do ano de 1949.

E o que representará Goethe em relação ao nosso tempo? Um modelo humano que sobrevive ou um modelo a ser ressuscitado?

...

Goethe como Beethoven e Napoleão, representa como que uma figura síntese entre dois séculos e falar de Goethe como simples homem de letras, significa restaurar a velha querela classicismo-romantismo. Não nos deteremos em procurar a superioridade da produção goetheana nesta ou naquela maneira de encarar o mundo, porque se Goethe considerou o romântico como o patológico e o clássico como o sadio, nós encontraremos no desenrolar da sua larga existência elementos românticos coabitando com temas clássicos. A viagem a Itália não o fez abandonar o WILHELM MEISTER e se se torna imperioso constatar o classicismo goetheano, é preciso vê-lo como dinâmico, sem se haver estagnado nos padrões estáticos, sendo

valiosíssimo sob esse aspecto o juízo expresso por Renato Almeida no seu velho e esquecido, FAUSTO-ENSAIO SOBRE O PROBLEMA DO SER, ou melhor ainda, ouvirmos o próprio Goethe dizendo a Eckermann: "Encontrei uma nova expressão que caracteriza otimamente estas duas ideias. Chamo o gênero clássico, o gênero sadio e o gênero romântico, o gênero doente. Assim, os Nibelungen são tão clássicos como Homero porque ambos são sadios, sólidos..."

Um século engendra outro e as contingências explícitas numa geração encontram-se implicitamente contidas, na geração anterior. O século XVIII com o seu estilo Rococó, o seu absolutismo monárquico e o seu idealismo filosófico, gerou o século XIX com o individualismo liberal, o romantismo e a divinização da ciência cujas últimas consequências foram, o positivismo e o materialismo histórico.

Goethe como homem-síntese sentiu em si mesmo, o choque das correntes antagonicas sem se deixar prender por nenhuma delas, ou então, resultando um produto harmonioso, consequência da combinação semelhante a um fenómeno químico e é por isso que Goethe vale muito mais como um homem que, como literato.

Napoleão resumiu a sua impressão de Goethe numa frase lacônica: "És um homem!", nós outros, estaríamos nas mesmas condições de poder chamar Goethe um homem? Certamente

não. As nossas mediocres circunstâncias não nos favorecem a subir a altura do Genio e identificá-lo ao humano, daí porque Goethe se apresenta como um monumento, como uma estatua de um arquetipo inacessível e está tão distante de nós e do nosso tempo.

...

Goethe é da mesma raça de Leonardo de Vinci, apenas com uma positiva diferença: é o genio que quer e que se realiza, enquanto Leonardo é o genio sem coragem de se plasmar. Acreditamos em Leonardo, acreditamos mesmo, no romance da sua vida composto por Merejkovski, Goethe todavia apesar de próximo deixamos na incerteza, se estamos ante um homem ou ante uma lenda, em torno de um homem.

Goethe se nos aparece, não obstante os seus retratos e livros como o próprio Fausto e porque não acreditamos em Goethe? Não acreditamos em Goethe pela riqueza da sua biografia. Seria o caso de pedir-mos como o fez José Ortega y Gasset, um Goethe visto por dentro, um Goethe falhado na sua vocação.

Estamos porém num aniversário e descortês seria, jogar em face do aniversariante os seus defeitos e fracassos mais obscuros. Recordemos antes a sua vida, para dela extrairmos as suas lições afirmativas.

Para a maioria dos seus críticos, Goethe é um demónio ou a natureza metamorfoseada em homem. Os franceses tradicionalmente tão cio-

sos do método e da clareza, não conseguiram reduzi-lo as proporções positivas e preferem falar de um Goethe demoníaco ou metafísico como Henri Lichtenberger ou Charles du Bos. Para os seus compatriotas Goethe é a natureza, a vivência que se transforma em poesia como no caso, de Wilhelm Dilthey.

Para nós, Goethe é antes de tudo o artista, o homem de ação, revelando em tudo que toca, os três momentos da criação artística: o sentimento, a expressão e a representação. Werthe é Goethe mas Goethe não é Werther, Goethe sente Werther, da expressão a Werther, mas sobrepassa Werther e continua vivendo independente da vivência sentida, expressa e representada.

...

Quando dizemos que Goethe é antes de tudo o artista, nós pretendemos designar por este termo, o homem que sabe se salvar dos seus naufrágios e modelar o homem novo saído de cada mergulho experimentado a contra-gosto na vida. A vida do homem é um permanente naufrágio e a vida de Goethe que significação teria sem as quedas abismais, sem a angústia e os saltos e ascensões, de uma angústia a outra?

Goethe nasceu naufrágio. O desleixo da parteira que assistiu a sua progeneritora fê-lo ter, logo após o nascimento, poucas possibilidades de vida. Na meninice foi acometido de variola e dela se salvou tão bem

como da estúpida pedagogia a que o submeteu seu pai, fazendo-lhe na idade em que a existência deve ser puro jogo, aprender grego, latim, hebraico, francês, italiano e inglês. Na mocidade chegou quasi á tuberculose, em plena maturidade sofreu uma longa terrível nefrite, na velhice padeceu do coração, pulmões e estomago para enfim, morrer perdendo luz, mais luz! Aos 82 anos, idade a que não atingiram, nem os seus pais, nem os seus irmãos, nem tampouco seu filho ou netos.

A presença da doença em Goethe perguntamos não terá sido o fator que o levou a pretender superar o romantismo, superar a si mesmo, já que o classico é o que supera as suas contingências interiores e exteriores do tempo circundante?

Para o argentino Alberto Palcos, é a doença mesma em Goethe que lhe confere os atributos de homem superior, de super-homem e escreve: "Os homens superiores realizam a sua vocação contra todos os obstáculos, levantam com a íntima alegria do criador, uma coluna indestrutível e pelo espirito se constroem a si mesmos".

Com receio de nos perdermos do nosso tema, abre-se aqui um conflito com as nossas próprias convicções: é que vamos afirmando, a proposito de Goethe, o predomínio do livre-arbitrio e intimamente acreditamos no destino, todavia o que se chama vontade não será a acção potencialmente existente no destino? Goethe o homem do destino, modelador e artista do seu destino, não seria acaso um Goethe mais humano?

É sabido o papel que

o eterno-feminino exerceu no temperamento de Goethe. Antes dos quinze anos já se enomorara de Gretchen, aos setenta e quatro anos, viuvo de Cristina Vulpius, enamorar-se-á perdidamente de Ulrica von Leventzow, a qual podia apenas, ter sido sua neta.

Há na longa trajetória goetheana uma galeria de mulheres que muitas vezes o faz naufragar sem esperança de vir á tona. Entretanto Goethe, o artista, o homem do destino que se afirma como vontade, de todas se desviou sublimando em temas esteticos, as desgraças amorosas. O WERTHER não se teria escrito sem Carlota e as AFINIDAS, sem Minna Herzlieb.

Goethe é maior incognita para os estudiosos do problema das vocações. Qual a vocação de Goethe?

A vocação é o destino que se manifesta numa direção dada. Se manifesta como o querer algo, em desejar ser algo independente do que se é. É o que quiz Goethe o que realizou Goethe? Em que direção Goethe foi alguém, éle que experimentou todos os generos literarios e todas as disciplinas do saber humano e mesmo extra-humano? A psicologia do homem universal do homem sem especialização não é a mesma do homem sem vontade, do homem que se não define?

Mas tudo que Goethe abraçou quiz e se não realizou integralmente foi pelas proprias circunstancias a que todo o homem acha-se sujeito num determinado tempo historico, onde avulta um contingente de ideias gerais, particula-

res e definidoras de um periodo ou época.

É comum na biografia goetheana o desenvolvimento de uma obra literaria que só se conclue perto da conclusão biologica do seu autor, como o WILHELM MEISTER e o FAUSTO o que prova, que um tema em Goethe não nasce e morria como uma momentanea simpatia, mas perdurava como, um amor arraigado.

A primeira vista, as muitas inclinações de Goethe, dão-nos o prototipo do frivolo e Goethe seria como o patrono da frivolidade genial. Porém se examinarmos e refletirmos mais demoradamente na sua vida, reconheceremos que nela, nada é accidental. Se as suas preocupações naturalisticas são um derivativo para as suas decepções teatrais e artisticas, força é recondecer o que nelas havia como consequencia panteista. Um vulgar diletaute não seria jamais um precursor do transformismo com a hipotese da metamorfose craneana das vertebrae, da planta primitiva ou como teorizador do osso intermaxilar.

É certo que só após a sua viagem a Italia descobriu Goethe que não era um artista plastico, mas esta descoberta não teria sido antes, o reconhecimento do alemão subjectivo e romantico, de não poder atingir a representação objectiva da arte classica italiana?

A ausencia de vocação, vocação como especialização, era a propria vocação da vida, esplendidamente confida em Goethe. "Que espectáculo! Nada mais que um espectáculo!" exclama Fausto mas não Goethe, para quem a vida era a realidade integral e não representação e cujos valores estão no proprio ato de viver.

Goethe era sincero e corrente consigo mesmo, sem que com isso, deixasse de ser coerente com o seu tempo e o futuro. A sua condição economica e social em Francfort ou Weimar, predispunham-no ao con-servantismo. Goethe não desejou nem aplaudiu a Revolução Francesa porque esta não era coerente com a sua concepção de vida, porém não assumiu atitudes reaccionarias, negando a evolução das instituições sociais e politicas. A vitória de Kellermann em Valmy significou para Goethe mais do que um acontecimento militar, o inicio de uma nova era inevitavel como etapa da História.

Não há negar a distincção profunda entre o temperamento de Goethe e Beethoven. Seria perfeitamente aceitavel o repudio de Goethe diante de certas obras de Beethoven, mas para Goethe ao contrario da maioria dos alemães existia éle e existia o outro como personalidade autonoma. Beethoven não procuraria Goethe, mas Goethe procurou, sentiu e compreendeu o genio de Bonn, como esclarece-nos o biografo de ambos: Emil Ludwig.

Ortega y Gasset, com o seu invejavel processo de atingir o centro de um assunto por assediados envolvedores, num ensaio que escreveu sobre Kant, identifica o criticismo ao capitalismo, por assumirem os dois, em face do mundo, uma posição de cautela e admite que um dos maiores males do kantismo reside no idealismo porque a filosofia deslocando-se do ser passa a se ocupar antes, do problema do conhecimento. Mais do que o existente, procura-se saber se o conhecimento do

existente é verdadeiro. O realmente existente dos gregos e dos medievais passou ao secundarismo enquanto, predominou a realidade do eu subjectivo e particular. O gnosológico soterrando o ontológico.

Para Ortega y Gasset quem não se libertou da herança kantiana não pode compreender o mundo contemporâneo e estes, são todos os idealistas. Não fazemos a menor restrição ao ensaísta espanhol porque muito embora a maioria dos seus trabalhos tenham sido elaborados no período mais fascista da Europa, o espectro europeu continua com as mesmas nuances do vitalismo irracional. Ser kantista é se estar em conflito com a realidade presente porque a inteligência e a crítica continuam desprestigiadas pela intuição mística.

Aqui surge então Goethe como um modelo a ser ressuscitado e seguido por nós outros. Goethe herdeiro do século XVIII conseguiu pelo romantismo um equilíbrio entre o ideal e o real, entre a vida e o espírito; também aqui ressurgiu o Goethe mais do mundo que, da Alemanha.

Para o alemão existe apenas o seu eu e o mundo é uma projecção do seu eu; para o latino, o mundo existe antes e independente do seu próprio eu. No alemão, o universo é uma imanência, no latino uma transcendência. O romantismo como hipertrofia do eu é um fenómeno primordialmente germanico, o ultrapassamento de Goethe ao romantico é uma consequência meridional do seu caracter. Enquanto Schiller está saturado de Kant, Goethe tem como mestre Espinosa. Enquanto a musica é a arte nacional dos alemães, Goethe ao contrario, é

fascinado pela plastica mediterranea.

Essa hipertrofia do eu nos germanicos é o factor que os torna inaptos para a vida social, tem sido o seu desastre politico. Goethe pela combinação dos dois elementos, toma ante nossos olhos o aspecto do tipo ocidental por excellencia a ser imitado. Neste momento recordamo-nos sem muita precisão, um livro que já não possuímos LA SAGESSE DU GOETHE onde o autor, Lichtenberger, expendia esta mesma opinião sobre a harmonia de Goethe.

O conhecimento goetheano deveria se tornar na nossa propria visão do conhecimento universal: "Meu pensamento — diz Goethe — não se separa dos objetos; os elementos dos objetos, as intuições, entram no pensamento e são penetrados por ele da maneira mais intima; minha intuição é a mesma um pensamento e meu pensamento uma intuição".

Para Goethe há o sensível e o supra-sensível e da harmonização das duas realidades decorre a liberdade e a dignidade da vida. Eis aqui o melhor exemplo o humanismo goetheano do qual, Rudolf Steiner tomou como melhor illustração o esoterico conto da SERPENTE VERDE.

O tempo que se seguiu a morte de Goethe (1832) assistiu concomitantemente a entronização absoluta da ciencia positivista com as suas limitações e o afloramento das forças instintivas e subconscientes com os seus arautos bem germanicos, Schopenhauer Nietzsche, Freud.

Neste nosso mundo sem equilibrio a figura de Goethe assume proporções de magnifico correctivo, assume o caracter de rehabilitador de harmonias.

Goethe sem ter sido o olimpico que se quiz ver e que as vezes contemplamos no falso GOETHE IN ITALIEN de Tischbein, foi no entanto, pelo dominio que exerceu sobre si mesmo, o tipo classico do homem e do pensador.

A recente tragedia da Alemanha foi o resultado do abandono do homem alemão, pelo alemão Goethe. Goethe por responsabilidade dos professores alemães tornou-se o classico que é preciso citar a cada momento, mas não o classico vivo, o classico que servir pelas suas atitudes — não literarias mas humanas — de bussola e roteiro ás gerações. Apenas rarissimas excepções soberaram na hora tragica da ascensão do irracionalismo politico germanico, olhar para

Goethe como para um farol em noite de tempestade, um Thomas Mann ou um W von Schnitzler.

...

Quando falamos na ausencia ou no problema de vocação em Goethe, não situamos o caso dentro do nosso tempo. Todavia, se Goethe precisa retornar como factor de restauração do equilibrio humanistico, merece ao mesmo tempo, voltar como padrão ante a crescente e brutal especialização do homem moderno.

Hoje, o fisico não mais relaciona a disposição mecanica dos elementos a outras ordens de conhecimento, o poeta se hermetiza na obscuridade de versos sem nexos com a essencia do poema, o musico dia a dia se prende exclusivamente a pura tecnica e valor sonoro sem interferencias emocionais.

Goethe, homem erolico, artista, cientista e homem de estado é um modelo humano que deve ressuscitar como elo de unificação de um mundo caoticamente dividido e sem perspectivas. Precisamos sob este aspecto do Goethe alemão — não caracteriza o alemão a anedota de que um farmaceutico não prepara um remedio sem antes se perguntar o que o seu ato representa no sistema do universo? — enquanto os alemães necessitam do Goethe espinosista, italiano e talvez dinarico. (*)

(*) Sobre a região onde nasceu Goethe, com os seus elementos mediterraneos e dinaricos, a sua crença na magia e feiticeiria, é importante a leitura do ensaio de Howard Becker, LOS PUEBLOS DE ALEMANIA, in REVISTA MEXICANA DE SOCIOLOGIA, Janeiro-Abril de 1946.

CONTRASTES

MARIO GOMES

SENHORES! OLHAI O BERÇO
DOS VOSSOS FILHOS OLHAI...
LÁ FORA HÁ OUTRAS CRIANÇAS
SEM BERÇOS. PELAS CALÇADAS
POR QUE, SENHORES, POR QUE?

II

LÁ VAI UM TRAPO DE GENTE
NUM ATAÚDE BARATO...
MOCINHO TIRE O CHAPÉU.
NÃO TEM CHORÕES NO ATAÚDE,
GALÕES NO CARRO PLEBEU
MAS O DEFUNTO BARATO
TAMBEM PENSOU E SOFREU...

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

ALCIDES BALTHAR

1877 — 1918

Alcides Ferreira Balthar, nasceu a 12 de outubro de 1877, no engenho Munguengue, distrito de Espírito Santo. Seus pais: Alipio Ferreira Balthar e d. Paula Lacerda Balthar. Fez seus primeiros estudos no antigo Liceu Paraibano. Em 1897, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, colando gráu em 1902. A 6 de janeiro de 1904 foi designado procurador fiscal federal, sendo por questões políticas demitido anos depois, em 10 de maio de 1912.

Faleceu em 1918. Não deixou livro publicado.

METAMORFOSE

AO EDMUNDO FILHO

Eu era o trovador alegre e descuidado
De loiros ideaes, de místicos amôres!
Com alma de criança, o peito immaculado,
Como o sonhar de um anjo, entre o sorrir das
flôres.

Cantava a natureza, o páramo azulado,
A lua adormecida em tépidos vapores...
E vendo do universo o rosto amargurado
— Incauto sonhador!... eu ria-me das dôres...

Mas, vi-te! e... despertei da vida de quimera,
Árdente como o sol, em plena primavera,
Aos gritos da razão, á vez da realidade!

E agora!... quem outr'ora do mundo escarnecia,
Com êle também chora um choro de agonía,
Envolto no sudário oculto da Saudade!...

IAMAR

Privado sempre do teu carinho
Quando apareces, graciosas santa,
A' flôr do lábio, qual passarinho
Alvicaireiro meu beijo canta.

Canta! e minh'alma risonha, em festa,
Esquece os tristes, negros pezares,
Para quecer-se como a floresta,
Ao sol, ao fogo dos teus olhares.

Olhares ternos e penetrantes
Que o bando acorda dos meus anelos,

Como eu vos amo raios brilhantes
De olhos mais negros que os teus cabelos!

Cabelos pretos, finos, ondeadôs,
Monte onde o sonho freme e palpita,
Gosto de ve-los desalinhatos,
Apenas, presos por uma fita.

Fita que prende laço tão breve,
Bem o quizerá ser preso um dia
Pelos teus braços, colar de neve —
Cadeia eburnea que deliciosa!

Delicia extrema se as vezes sonho
— E ouço minh'alma vibrar no espaço —
Que vou tranquilo dormir risonho
No leito branco do teu regaço.

Regaço branco, cor de alvas plumas,
Mar onde o gôso de amôr estua,
O meu desejo como as espumas
A' superficie, também flutua!

Flutua errante, tremulo, incerto
No alto relevo das minhas preces;
Porém, querida, voaria certo,
Ao Paraíso, se tu quizesse.

Se tu quizesse, doce Maria,
Surgir piedosa no meu caminho
A tudo e a todos desprezaria
Pela doçura do teu carinho...

AFRANIO

Nesta da morte placidez sombria
Dorme da vida o derradeiro sono...
— Lirio pendido no primeiro outono,
Loura criança que a sonhar vivia!

Que importa o mundo? no seu seio impuro
Há gritos, prantos, aflições e dôres,
Enquanto meigo a nos falar de amôres,
Dá-nos veneno num sorrir perjuro.

Feliz daquele que num surto franco,
— Cisne impoluto, immaculado branco,
Pousa nos goivos do jardim da morte...

Desta paragem no viver sereno,
Nem rir-se o grande de aventuras pleno,
Nem chora o triste lamentando a sorte.